



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANNA BEATRIZ FONSECA DE MORAIS
LARISSA KELLY DOS SANTOS CARVALHO

**NÍVEL DE CONHECIMENTO DE MULHERES NULÍPARAS SOBRE A VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS DO DF E ENTORNO – UM ES-
TUDO DESCRITIVO**

BRASÍLIA

2021

ANNA BEATRIZ FONSECA DE MORAIS
LARISSA KELLY DOS SANTOS CARVALHO

**NÍVEL DE CONHECIMENTO DE MULHERES NULÍPARAS SOBRE A VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS DO DF E ENTORNO – UM ES-
TUDO DESCRITIVO**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Msc. Monique de Azevedo

BRASÍLIA

2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus, nossos pais e amigos, a nossa irmã e amiga, Lorrane e principalmente, a nossa querida orientadora Monique por toda a paciência e carinho depositado a nós durante esse período.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus, sem Ele não teríamos conseguido chegar até essa fase final do projeto. Aos nossos pais e familiares por todo o apoio e força extra que nos ajudou. Agradeço também a vida da Lorrane e da nossa querida orientadora Monique, pois sem suas colaborações e conselhos não estaríamos aqui hoje com essa tarefa finalizada.

RESUMO

Introdução: Segundo a OMS, a violência obstétrica se caracteriza pela falta de humanidade, respeito e cuidado com a parturiente e seu bebê. Atitudes como maus tratos, xingamentos e procedimentos sem o consentimento da mulher nas instituições de saúde, são considerados como violência obstétrica, acarretando traumas psicológicos e físicos para a vida da gestante.

Objetivos: Descrever o nível de conhecimento das mulheres nulíparas de diferentes classes sociais do Distrito Federal e do entorno, a respeito da violência obstétrica. **Métodos:** Trata-se de um estudo com método transversal descritivo, de abordagem quantitativa, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento de mulheres nulíparas acerca da violência obstétrica. A metodologia utilizada é a técnica de snowball, onde serão contatadas mulheres através das redes sociais e indicação sequencial e continuada de familiares e amigos. As participantes serão convidadas a participar da pesquisa e receberão todas as informações a respeito do estudo, bem como de sua participação no mesmo. **Resultados:** Observou-se um elevado número de estudantes com pouco conhecimento sobre violência obstétrica, principalmente nas questões que envolvem o enema (lavagem intestinal) 44,6%, 32,7% de mulheres desconhecem a manobra de Kristeller como um tipo de violência obstétrica e 31,7% das mulheres desconhecem o uso de tricotomia 26,7% não concordam. A respeito da restrição de locomoção da parturiente, 26,7% já ouviram falar, porém desconhecem e 13,9% não concordam. **Conclusão:** No âmbito geral, o presente trabalho mostrou uma maior ausência no conhecimento a respeito da violência obstétrica entre as mulheres nulíparas independente da classe socioeconômica.

Palavras-chave: violência obstétrica; parturiente; mulheres nulíparas; parto normal.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3	MÉTODO	18
4	RESULTADOS	19
5	DISCUSSÃO	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7	REFERÊNCIAS	40
8	APÊNDICES	48
9	ANEXOS I	50
10	ANEXOS II	52

1 INTRODUÇÃO

Durante o período gravídico puerperal, ocorrem inúmeras alterações hormonais e fisiológicas em que a mulher se encontra predisposta a uma maior vulnerabilidade emocional e física, devido às diversas modificações corporais no qual ela passa durante o desenvolvimento do feto. Com isso, é de grande importância que a gestante tenha um bom acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, pois a chegada do bebê acompanha uma transição social: de mulher para mãe. Nesta fase da vida as instabilidades emocionais são marcantes por se tratar de uma explosão de sentimentos, como: o medo (por se perguntar diversas vezes se o que está fazendo é o correto para aquele bebê) e ansiedade (por ter noites mal dormidas e uma alimentação desregulada) portanto, é necessário o apoio e a compreensão da equipe de saúde para que a paciente receba um atendimento onde sinta-se acolhida, confortável e segura (DINIZ, 2018).

A violência obstétrica ocorre durante a gravidez, o parto e o período puerperal, mais conhecido como pós-parto imediato; portanto, é a violência que afeta diretamente as mulheres em seu momento mais frágil. A violência obstétrica pode ser ocasionada de diversas formas, através da interação entre a mulher e o auxiliar de cuidados, por meio de problemas no sistema da instituição de saúde e ou pelo sistema de saúde; através de atos intencionais de violência psicológica, verbal e sexual; uma variedade de práticas obstétricas que podem inadvertidamente causar sofrimento aos envolvidos, tais como episiotomias; negar acompanhantes na sala do parto, abandono ou recusa de assistência às mulheres durante o parto; falta de empatia do prestador de cuidados; falta de sensibilidade com o desejo da mãe de ver o filho logo após o nascimento; falta de consentimento para intervenções como o parto cesariano ou o uso de remédios para a indução do parto. (LUND; SWAHNBERG; SCHEI; INFANTI, 2018).

O crescente número de cesáreas no Brasil indica a importância da observação do tratamento à saúde da mulher e do recém-nascido a respeito de cirurgias cesáreas desnecessárias, das quais colocam em risco suas vidas/saúdes. Sem a indicação correta, a realização da cirurgia pode levar ao aumento do risco de complicações graves para a idade. (Ministério da Saúde, 2015). O conhecimento da violência obstétrica (VO) é indispensável para a saúde da mulher e da criança e influencia a cultura e a percepção sobre o parto pela sociedade. Artigos sugerem que mulheres em todo o mundo sofrem maus-tratos durante o

parto, incluindo abuso físico, abuso verbal, discriminação, procedimentos não consentidos e cuidados não solidários (Bohren, 2019). Entretanto, algumas concentrações de mulheres com rendas menores, ainda relatam o total desconhecimento e a falta de clareza quanto ao problema. (DINIZ, 2015).

Além de intervenções obstétricas inapropriadas, muitas mulheres relatam vivências de parto dolorosas, com ofensas, humilhações e expressões preconceituosas relacionadas à saúde e sexualidade da mulher que são comumente encontradas em redes hospitalares. Essa realidade cotidiana e cruel revela uma grave violação dos direitos humanos e direito das mulheres (Muniz & Barbosa, 2012). O uso intencional de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que tenha como resultado ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, privação ou prejuízo no desenvolvimento, são assim definidas como Violência Obstétrica pela Organização Mundial da Saúde. (OMS, 2019).

Os maus-tratos às mulheres nas unidades de saúde têm seus princípios nas diferenças de gênero generalizadas e no desequilíbrio de poder entre os provedores de saúde e as mulheres. Os contextos sociais são criados por intersecções dos sistemas de poder, por exemplo: raça, classe, gênero e orientação sexual. Portanto, o desrespeito e o abuso podem ser vistos como consequência da violência estrutural, que se refere às forças sociais que criam e mantêm desigualdades dentro e entre grupos sociais, dando lugar a condições em que os maus-tratos e a violência entre duas ou mais pessoas possam ser decretados. (MILTENBURG, 2018) (LUND; SWAHNBERG; SCHEI; INFANTI, 2018).

As adolescentes, solteiras, de pele negra (parda/preta), de baixo nível socioeconômico, de minorias étnicas, migrantes e as que vivem com HIV são particularmente predispostas a vivenciar abusos, desrespeito e maus tratos nas redes hospitalares. (OMS, 2014). A violência obstétrica (VO), está vinculada à violação dos direitos das mulheres durante os cuidados de saúde relacionados com o nascimento de crianças (Mihret 2019). Nesse sentido, ela faz parte da violência institucional, podendo ser acometida nas redes públicas e com uma menor frequência, nas redes privadas, e exercida pelos serviços de saúde, que se caracteriza por negligência e maus-tratos dos profissionais com seus pacientes, incluindo:

a violação dos direitos reprodutivos, respeitar a decisão da pessoa quanto a questão de querer ter filhos; a peregrinação por diversos serviços até receber atendimento e aceleração do parto para liberar leitos, entre outros (Gomes, 2014). Quanto à satisfação da mulher quanto ao momento do próprio parto, há relatos de um número considerável de mulheres que sentiu insatisfação quanto à sua experiência pela impotência diante das decisões médicas e da falta de informações adequadas para a sua segurança e a de seu bebê (Katz, Amorim, Giordano, Bastos, Brilhante;2020). Com isso, é primordial que toda cidadã tenha o direito ao melhor padrão possível de saúde. O acolhimento deve ter início desde a sua chegada nos estabelecimentos de saúde, sendo responsáveis por ouvir suas angústias, queixas e preocupações, garantindo a atenção e suportes necessários para qualquer necessidade e eventualidade que possa surgir, tendo como foco principal a busca pela confiança e a segurança da paciente durante todo o período gravídico-puerperal. (OMS, 2014). Levando todos esses aspectos em consideração, recursos institucionais foram realizados pelo Ministério da Saúde com a efetivação de diversos programas e políticas em saúde, entre os quais, o Programa de Humanização do Parto e Nascimento, a Política Nacional de Humanização – Humaniza SUS, a Política de Atenção Integral à Saúde da mulher, com o intuito de aumentar a qualificação da atenção à saúde da mulher e do bebê (FEBRASGO, 2019).

Dessa forma, quanto maior for o conhecimento e o acesso à informação sobre seus direitos por parte das gestantes, haverá uma diminuição nas ocorrências de quaisquer tipos de violação, unindo isso ao fato de obter uma maior participação de mulheres e grupos ativistas em prol do parto humanizado, dando maior visibilidade e conhecimento ao assunto. (AMARAL; GUIMARÃES; JONAS, 2018).

Por conseguinte, o objetivo deste trabalho foi descrever o nível de conhecimento das mulheres nulíparas de diferentes classes sociais do Distrito Federal, a respeito da violência obstétrica.

OBJETIVO GERAL

- Descrever o nível de conhecimento das mulheres nulíparas de diferentes classes sociais do Distrito Federal, a respeito da violência obstétrica.

Objetivos específicos:

- Identificar a classe social com maior índice de conhecimento de Violência obstétrica;
- Relacionar as classes sociais ao reconhecimento da Violência obstétrica;
- Identificar a classe social com mais déficit de conhecimento sobre o tema proposto;
- Identificar a idade das mulheres nulíparas e comparar seus níveis de conhecimento sobre a Violência obstétrica;

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brasil é um país de renda média com Sistema Único de Saúde, onde 98,4% dos partos são realizados em instituições de saúde juntamente com profissionais capacitados, sendo 85% deles obstetra.

Em 2013, a taxa de mortalidade materna era de 69,0 óbitos por 100.000 nascidos vivos.

Há uma certa carência aos grupos educacionais e informativos para que as mulheres estejam capacitadas a fazerem escolhas com total propriedade sobre a gravidez e o parto. 61,8% delas fazem pelo menos sete consultas pré-natais. (Gilo Diniz; Rattner; D'Oliveira; Aguiar; Niy, 2018).

A Organização Mundial da Saúde reconheceu em 2014, a violência obstétrica como uma questão de saúde pública que afeta diretamente a saúde da mulher e de seus bebês (OMS, 2014). A Violência obstétrica é classificada como

qualquer ação ou omissão vinculado à mulher durante o pré-natal, parto ou puerpério, que cause dor, dano ou sofrimento desnecessário à parturiente, podendo ser tanto física como psicológica e praticada sem o seu consentimento explícito ou como uma afronta à sua autonomia (Katz; Amorim; Giordano; Bastos; Brilhante, 2020). O termo “violência obstétrica” teve origem na América do Sul em 2007, e é frequentemente usado para este tipo de abuso, estabelecendo o conceito de violência obstétrica como o tratamento desrespeitoso, agressivo e humilhante de mulheres e meninas durante o parto e o nascimento (Chadwick, 2016).

Estima-se que 25% das mulheres em trabalho de parto foram submetidas a ameaças e violências verbais em uma pesquisa realizada no Brasil em 2010. Mulheres pardas ou negras, com menor escolaridade e também as que são atendidas pelos setores públicos, relatam sofrer abusos verbais, físicos ou psicológicos (Gilo Diniz; Rattner; D’Oliveira; Aguiar; Niy, 2018)

A dificuldade de ter um anestesista disponível, por exemplo, pode levar o profissional de saúde a desconsiderar a dor relatada pela mulher e assim não oferecer métodos de alívio, acusando ser uma circunstância inerente ao parto (OLIVEIRA; PENNA 2017)

No ano de 2010 foi defendida a tese “Violência institucional em maternidades públicas: hostilidade ao invés de acolhimento com uma questão de gênero”, em que puérperas entrevistadas identificaram que as práticas consideradas por elas como violentas e relatam a percepção que tiveram sobre suas experiências de parto e nascimento (Aguiar JM, 2010). Os estudos feitos anteriormente sobre esse tema, foram essenciais para que passassem a ser mais discutidos academicamente. Mas as práticas violentas na assistência ao parto permanecem ainda muito invisíveis à maioria das gestantes, profissionais de saúde e gestores. (Sena LM; Tesser CD, 2017).

O termo “Violência obstétrica” na última década na América latina passou a ser um alicerce jurídico. Leis pacíficas contra a Violência Obstétrica - violência de gênero e violação dos direitos humanos- têm existência na Venezuela, Argentina, México, Brasil e Uruguai. Já nos países europeus, o debate social,

político e médico sobre o tema ainda é débil (Quattrocchi 2011). A Venezuela em 2007 definiu a VO como apropriação dos corpos reprodutivos pelos profissionais, um tratamento desumano, abuso de medicalização (transformar algo natural em questões médicas) e transformando algo natural em uma doença. Esses fatores resultam na perda da autonomia e da capacidade das mulheres em decidirem livremente o que querem fazer com seu corpo e sexualidade, impactando negativamente na qualidade de vida. (CR Williams; C Jerez; K Klein; M Correa; JM Belizan; G Cormick, 2018).

No Brasil por pressão direta do movimento de mulheres e profissionais em prol da humanização do parto tivemos uma melhor investigação sobre a violência institucional durante a assistência ao parto e nascimento. Até então, as práticas consideradas violentas que aconteciam no âmbito da assistência ao parto eram consideradas formas de violência institucional e, portanto, designadas como “violência institucional em maternidades” ou ainda “violência no parto”. Após a divulgação dos dados de que 25% das mulheres que tiveram parto normal na rede pública e privada, relataram terem sofrido maus tratos e desrespeito durante o trabalho de parto, parto e/ou pós parto imediato, o movimento social de mulheres, e especificamente o de mulheres mães, passou a problematizar coletivamente a questão. Foi quando pela primeira vez no país, passou-se a utilizar a expressão “violência obstétrica”, marcada pelo movimento de mulheres (Diniz SG, 2015).

Desde 1985 a Organização Mundial da Saúde (OMS), tem-se mostrado preocupado em relação a procedimentos médicos impróprios, como a medicalização excessiva. O recomendado para a equipe médica e a administração da instituição foi rever o uso de tecnologias para o momento do parto, a prática exercida pela equipe médica e ao mesmo tempo a independência e autonomia do julgamento da mulher, a fim de abaixar os índices de mortalidade e a morbidade perinatal e materna. Entretanto, mesmo com o posicionamento da OMS em relação a essa questão da saúde da mulher, as taxas de violência obstétrica têm-se aumentado em países de rendimento médio e alto. Além disso, outras preocupações são, o aumento das consequências e efeitos iatrogênicos causados

em mulheres e recém-nascidos; a crescente taxa de cesarianas desnecessárias no Brasil nos últimos anos, liderando o topo da escala com cerca de 56% em comparação a outros países desenvolvidos e subdesenvolvidos (Sadler, 2016).

A hiper medicação do parto no Brasil é emitida pela alta taxa de cesárea (Ministério da Saúde, 2017), com uma grande frequência de ocitocina, episiotomia, entre outras (Souza JP, 2014). Há uma lacuna entre as evidências científicas disponíveis desde 1985 (Lancet, WHO, 1985) para os cuidados durante o parto do Ministério da Saúde que foram atualizadas exigindo mudanças no modelo de promoção da saúde e prevenção quaternária, baseando-se no princípio da não maleficência bioética: primeiro não causar lesões (Souza JP, 2014).

A pesquisa feita pela Born in Brazil, com 29.940 mulheres pós-parto, identifica um excesso de intervenções obstétricas feitas pelos provedores de saúde no parto e no nascimento, expondo mulheres e recém-nascidos a efeitos iatrogênicos, tais como, distócia no parto, hipóxia neonatal, hemorragias e depressão pós-parto. Os dados revelam que mais da metade das mulheres foram submetidas a episiotomias; 91,7% deram à luz na posição de litotomia, sendo que as literaturas recomendam posições verticais. A ocitocina e a ruptura artificial da membrana amniótica para a aceleração do parto foram de 40% das mulheres; 37% foram submetidas a manobra de Kristeller, que é a pressão no útero para a expulsão do bebê. Tais atitudes são desnecessárias e trazem consigo traumas e consequências para o resto da vida da mãe e do bebê (Lansky, 2019).

A proporção elevada de mulheres submetidas à posição litotômica no parto, à manobra de Kristeller, à episiotomia sem informação e à separação do bebê após o nascimento revela a persistência de práticas que são questionadas na atenção ao parto. A posição litotômica no parto, 46,4% das mulheres que tiveram parto vaginal, é exemplo emblemático, interferindo no jeito que essa mulher ansiava em ter o bebê de maneira determinante na fisiologia do parto normal. A prática clínica distanciada das evidências científicas, a falta de transparência e a concentração de poder na tomada de decisões nas relações profissionais e institucionais com os usuários de saúde favorece a banalização de procedimentos

não recomendados, que passam a ser consideradas normais (Moreira MEL 2014).

A organização Mundial da Saúde orienta que as taxas de parto cesáreos precisam ser entre 10% a 15%, por base em um estudo onde mostra que taxas acima de 15% não reduzem a mortalidade e a morbidade materna e perinatal e muito menos efeitos iatrogênicos na saúde da mãe e do bebê. No entanto, as redes hospitalares parecem não se importarem com essa recomendação, devido às altas taxas de partos cesáreos no Brasil, com cerca de 56% em geral, incluindo redes privadas e públicas, que apresentam ocorrências de aproximadamente 45% e 85%. Esse contexto é empregado decorrente a altas taxas de intervenções empregadas na atenção da parturiente e o recém-nascido (Zanardo, 2017).

Fatores de desigualdade socioeconômicos são determinantes para a experiência das mulheres em matéria de maus-tratos nas instituições e por provedores da saúde. Dessa forma, a visão que as mulheres têm sobre essas atitudes são justificadas como um reflexo da discriminação e opressão enraizados na sociedade em geral. A influência da desigualdade nas instituições intervém na percepção e na interação dos prestadores de serviço com a mulher, podendo afetar suas decisões clínicas e práticas obstétricas (Sen, 2018). Um estudo, verificou que mulheres pobres, de minorias raciais e étnicas que se submeteram a serviços públicos, foram mais prováveis de receber episiotomias desnecessárias, enquanto mulheres de alto escalão se submeteram a serviços privados e tinham mais probabilidade de receber cesarianas (Diniz S, 2018).

O movimento pela humanização do parto no Brasil teve um início em vários Estados brasileiros, todas focadas para que a assistência tenha um significado diferente, que seja menos tecnocrático e mais direcionado na figura da mulher (Diniz SG, 2015). Portanto, com o intuito de promover um melhor conhecimento e segurança as parturientes do Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) instituiu em 2011 a Rede Cegonha, que visa assegurar a mulher dos seus direitos ao planejamento de sua gravidez, no parto e no puerpério, bem como a

criança em seu nascimento seguro e ao seu desenvolvimento saudável (Rodrigues, 2017).

Além da implementação da Rede Cegonha no Sistema Único de Saúde (SUS), em 2000 o Ministério da Saúde criou um projeto (PHPN), que visa contribuir para a melhoria do acesso à saúde da mulher e do bebê durante a assistência ao parto e ao recém-nascido, assegurando a qualidade do atendimento e a melhoria no acesso à informação e aos recursos disponibilizados. O objetivo do projeto é a diminuição da mortalidade e morbidade materna e de perinatais e o aumento da humanização dentro das instituições de saúde para com a mulher e seu bebê, tornando a parturiente como protagonista e suas escolhas serem atendidas pela equipe médica (Silva, 2017).

Independente das políticas já existentes, a emergência no quesito conhecimento das características da violência obstétrica entre as mulheres brasileiras e os provedores de saúde, se faz necessária para que possam ter uma compreensão e uma educação quanto a esse tema. A fim de que, a mulher tenha consciência de sua autonomia e suas escolhas durante todo o processo gravídico-puerperal, e a assistência obstétrica seja livre de qualquer violência empregada a parturiente e ao bebê, para poderem vivenciar o momento de forma única e humanizada (Jardim, 2018).

3 MÉTODOS

Trata-se de um estudo com método transversal descritivo, de abordagem quantitativa, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento de mulheres nulíparas acerca da violência obstétrica. A metodologia utilizada é a técnica de snowball, onde serão contactadas mulheres através das redes sociais e indicação sequencial e continuada de familiares e amigos. As participantes serão convidadas a participar da pesquisa e receberão todas as informações a respeito do estudo, bem como de sua participação no mesmo. Após a compreensão e aceite, será disponibilizado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (APÊNDICE I) para que o prosseguimento aconteça.

As participantes responderam um questionário, onde deram informações sobre seu perfil sócio demográfico: nome, e-mail, estado/cidade/cidade administrativa, cor/raça ou etnia, ocupação, com quem mora, tipo de moradia, em que zona vive, renda, idade, estado civil, escolaridade. Para a avaliação sobre VO, foi introduzido um questionário (ANEXO I) segundo Matheus Borges e Welber Rocha (2017), com dezessete questões de múltipla escolha, sendo compostas por três respostas distintas, sendo elas: “() sim, () não, () já ouvi falar, porém desconheço”. O “sim” é julgado de acordo com o tipo de violência obstétrica, o “não” corresponde a contraposição do item julgado como violência obstétrica e o “já ouvi falar, porém desconheço” refere-se com o entendimento da participante a respeito do item julgado, entretanto desconhece seu significado ou que seja uma violência obstétrica.

Os dados foram obtidos através do Google forms. O link foi publicado pelas diversas plataformas online, como: WhatsApp, Instagram e facebook, que deram acesso ao questionário. A análise dos dados foi feita através do Google Docs, análise estatística, com cálculo de média e desvio-padrão, apresentação de score e planilha demonstrada a partir do programa Excel.

Após a coleta dos dados, ao final da página dos questionários exibimos cartilhas autorizadas pelo Deputado Estadual Goura (ANEXO II), “Violência obstétrica-Mandato Goura”.

O questionário foi divulgado e ficou exposto nas redes sociais por um período de um mês no perfil de ambas as pesquisadoras. Tendo como resultado final 101 respostas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do presente estudo foram coletados a partir de um questionário segundo Matheus Borges e Welber Rocha (2017), disponibilizado através da plataforma google forms e divulgado nas redes sociais das próprias pesquisadoras.

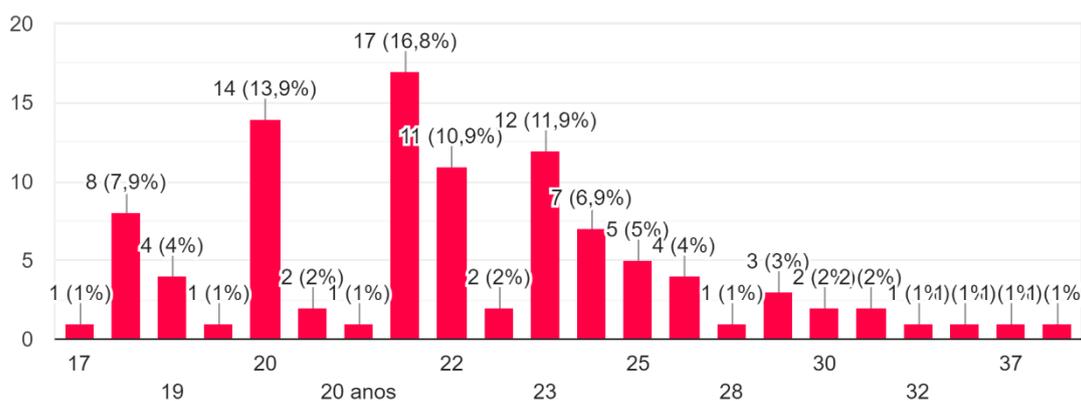
Os critérios para a pesquisa foram: mulheres que ainda não passaram pela experiência do parto, que residem no Distrito Federal ou no entorno. Foram contabilizadas 101 participantes, e não houve nenhuma exclusão de participantes. O questionário foi composto por dezessete questões de múltipla escolha onde cada questão abordava um item sobre violência obstétrica, considerado pela Organização Mundial da Saúde os mais frequentes.

Os resultados a respeito ao nível socioeconômico de cada indivíduo está presente nas tabelas 1,2,3,4,5,6,7,8 e 9 correspondendo a idade de cada participante, a sua cor, raça e etnia, estado civil, nível de escolaridade, ocupação, com quem mora, tipo de moradia, em que zona reside e nível socioeconômico.

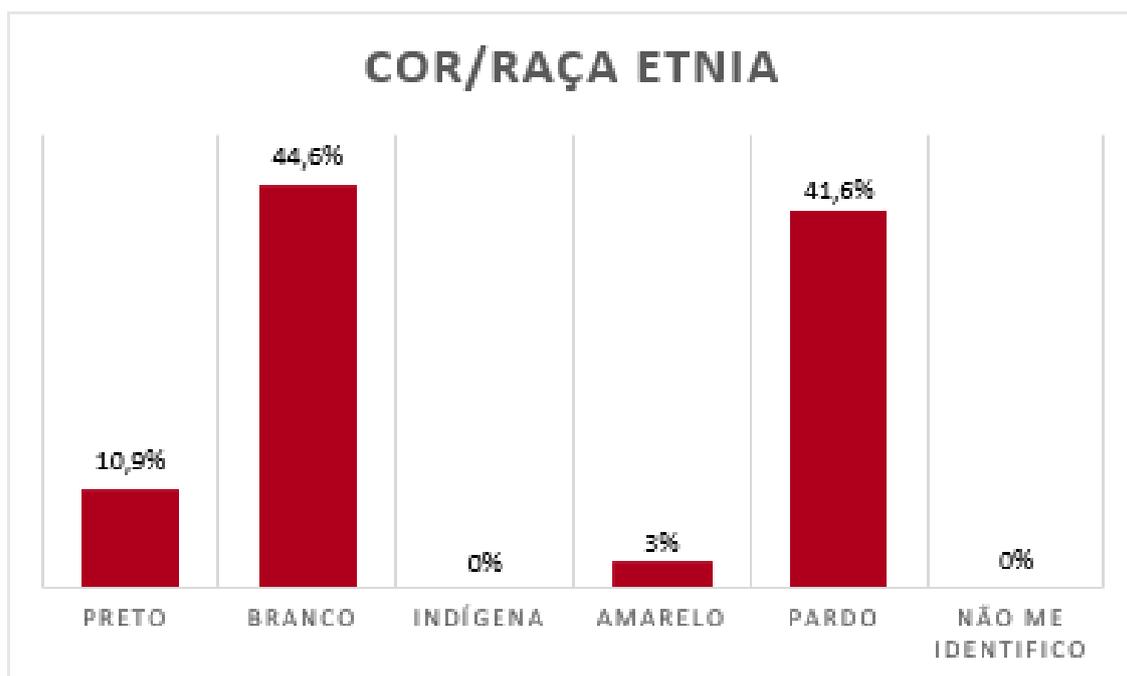
Nos gráficos 1 e 2 percebe-se que a maioria das participantes possuem idade aproximada de 20 anos à 23 anos de idade, tendo maior prevalência em 21 anos. E na relação cor, raça/etnia, a predominância foi branca com 44,6% e a segunda foi pardo com 41,6%.

Idade:

101 respostas

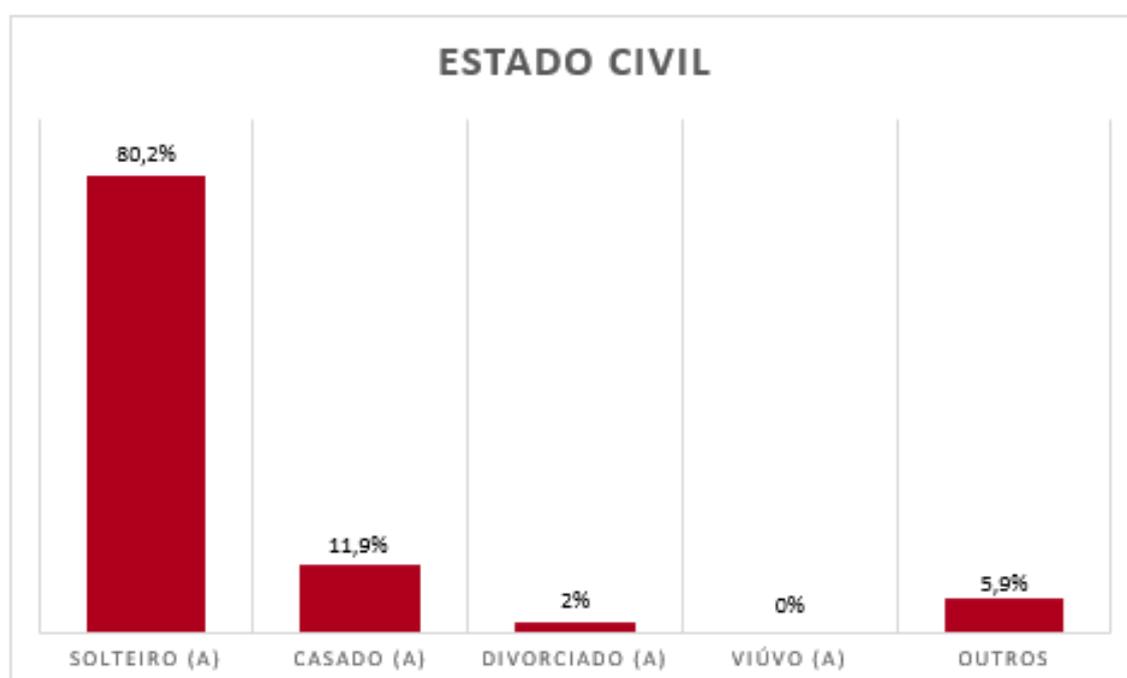


Fonte: as autoras.

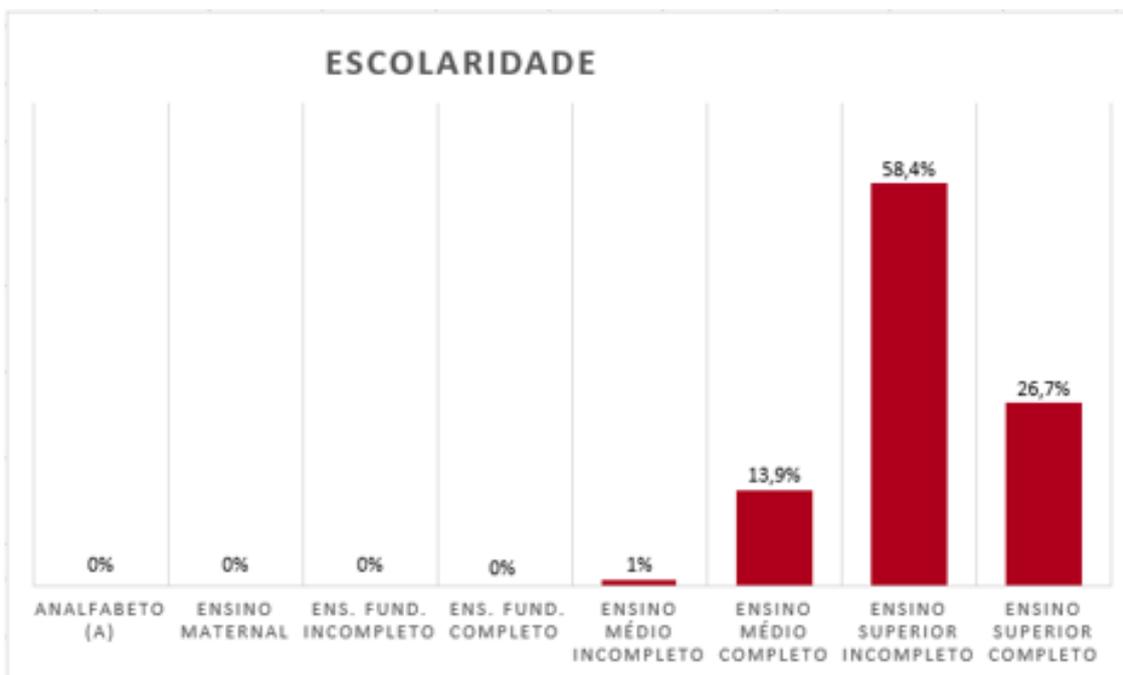


Fonte: as autoras.

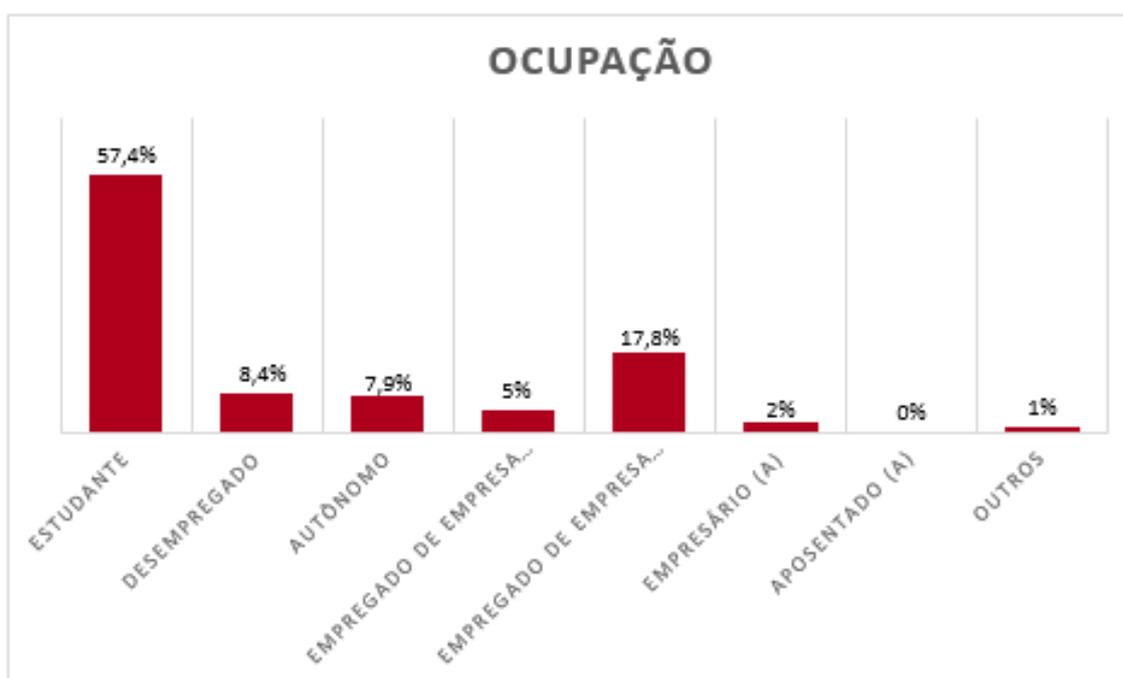
Nota-se nas tabelas 3,4 e 5 a predominância do estado civil como solteira, com 80,2%; nível de escolaridade prevalência no ensino superior incompleto com 58,4% e, na ocupação, a maior resposta foi estudante com 57,4%, onde mostra uma prevalência maior de participantes com o nível de escolaridade superior.



Fonte: as autoras.



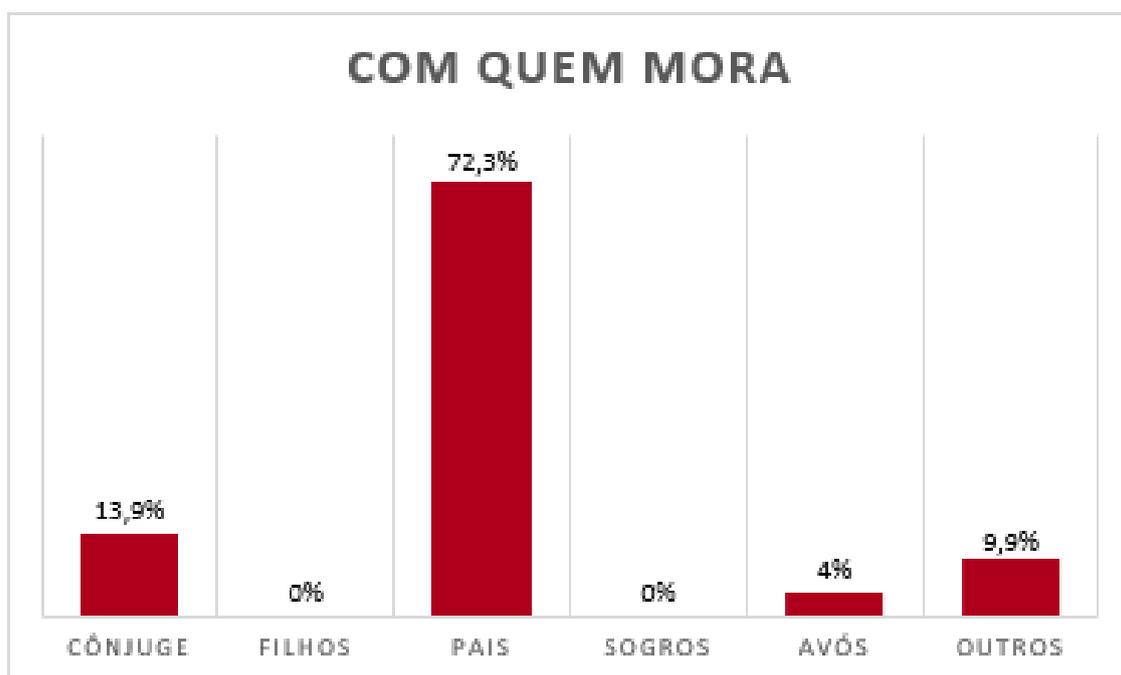
Fonte: as autoras.



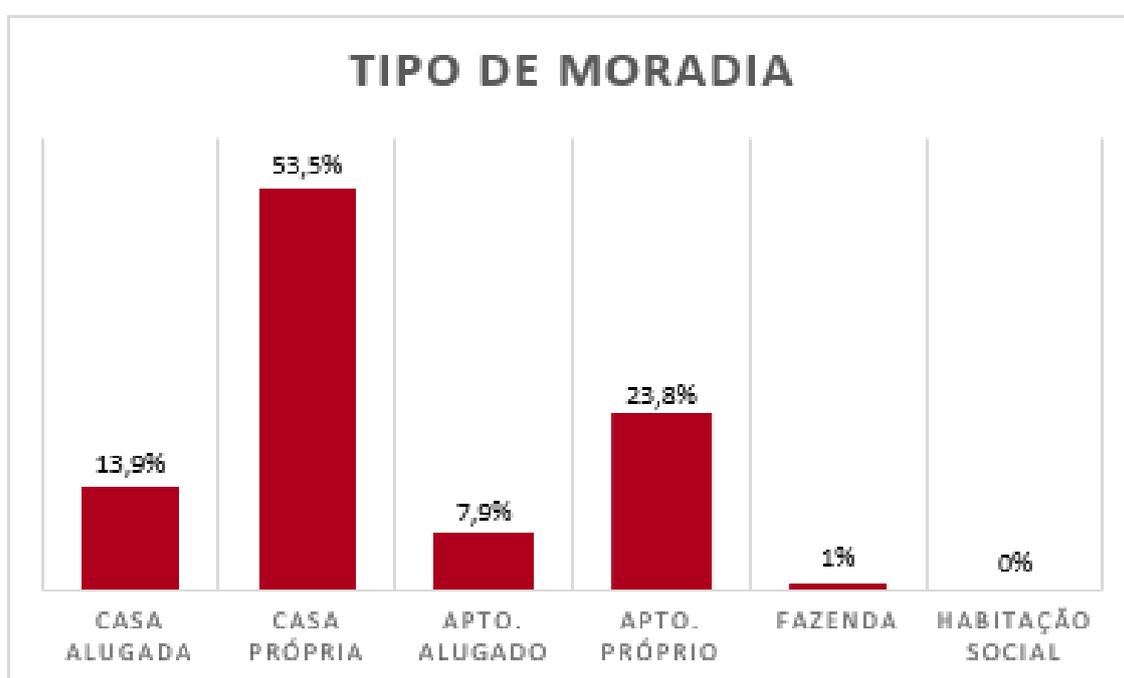
Fonte: as autoras.

A prevalência da amostra das tabelas 6, 7, 8 e 9 mostram que cerca de 72,3% das participantes ainda moram com os pais; 53,5% possuem a casa própria e em segundo com 23,8% possuem apartamento próprio; 96% reside em zona urbana e 61,4% se definem como

classe média social. Através desses resultados, entende-se que a maioria das participantes possuem um nível de renda familiar mediano.



Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.



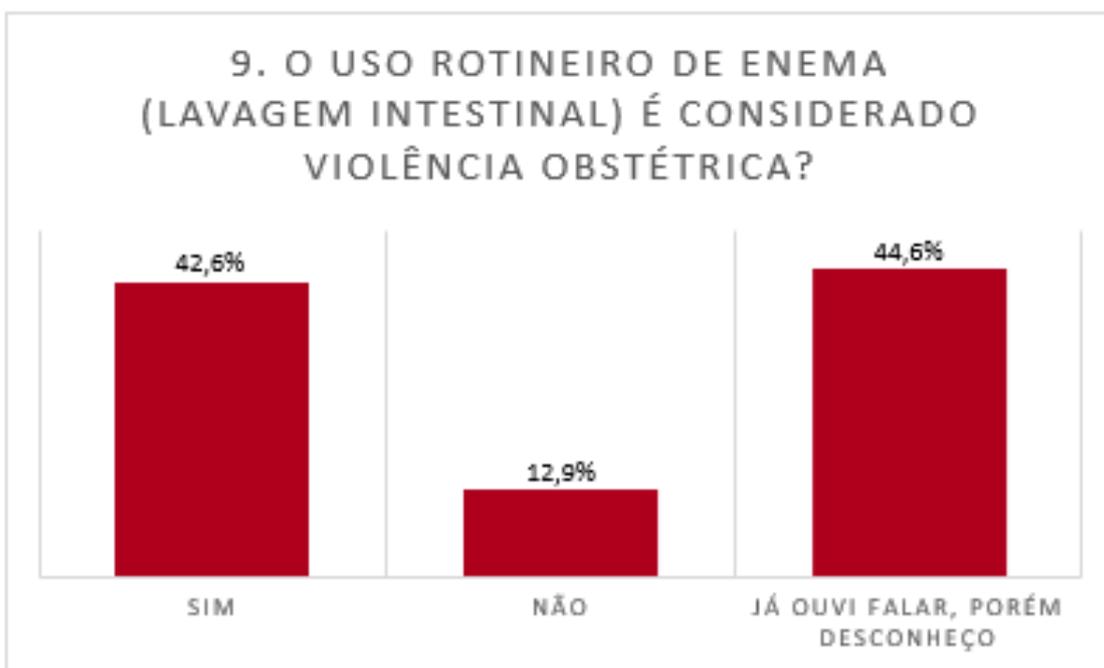
Fonte: as autoras.

Nos resultados do questionário de Matheus Borges e Welber Rocha (2017), 4% julgaram desconhecer o tema e 22,8% já ouviram falar, de acordo com a questão 1.



Fonte: as autoras.

Nas questões 9 e 10, mostram valores altos de acordo com as respostas, onde 44,6% das participantes ouviram falar da lavagem intestinal, porém desconhecem, e 12,9% não concordam. A respeito da restrição de locomoção da parturiente, 26,7% já ouviram falar, porém desconhecem e 13,9% não concordam que seja violência obstétrica.

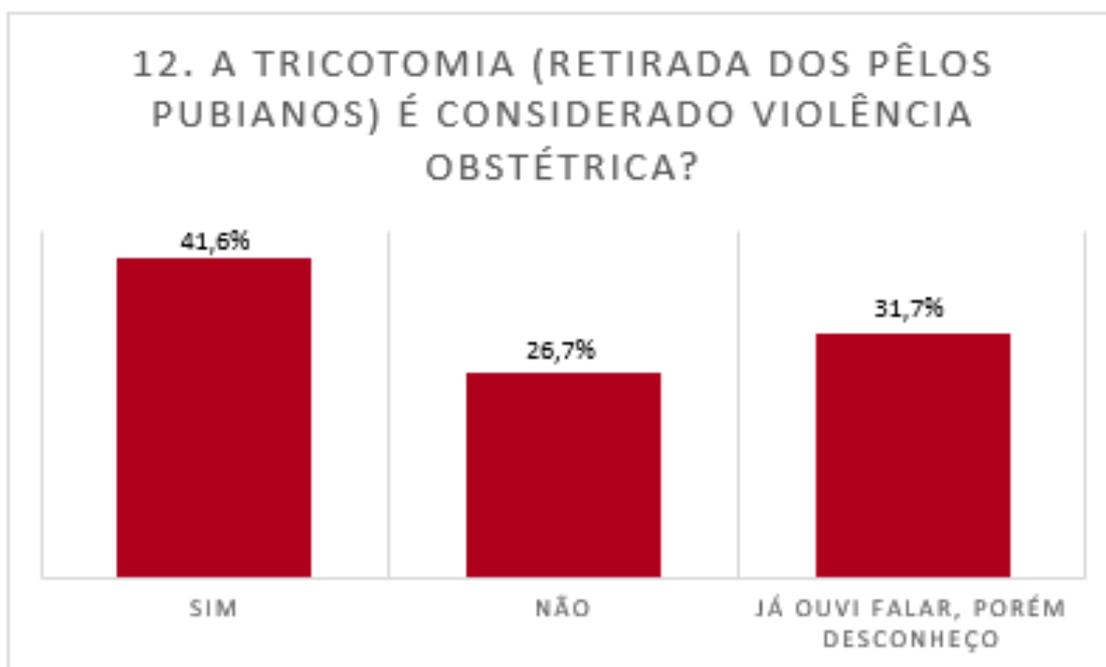


Fonte: as autoras.

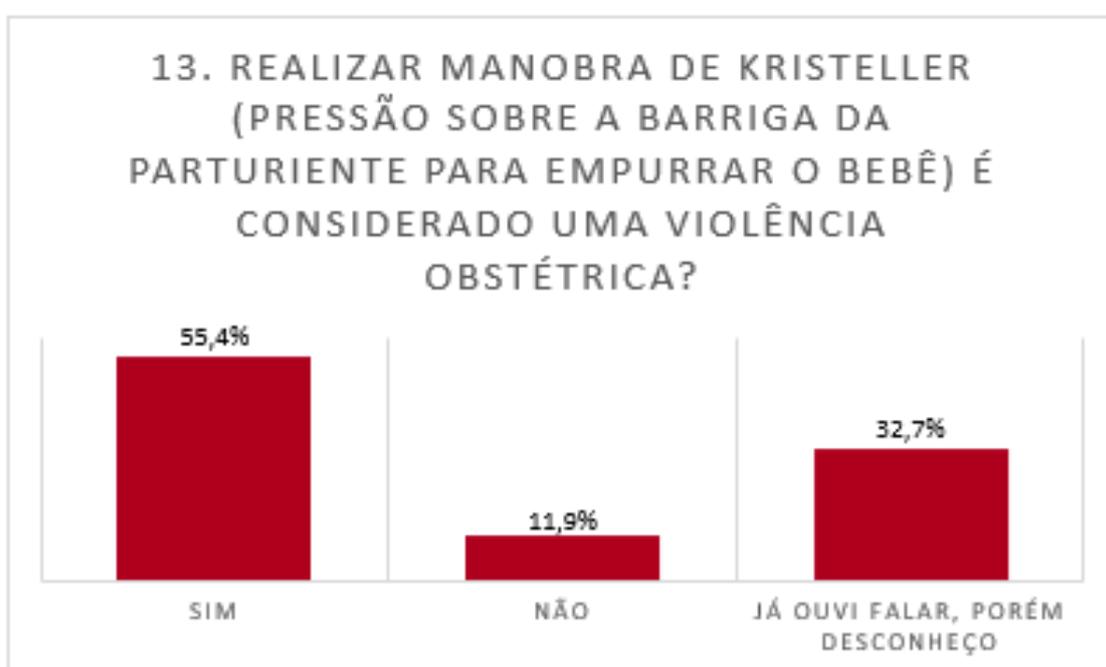


Fonte: as autoras.

De acordo com as respostas nas questões 12 e 13, 31,7% das mulheres desconhecem o uso de tricotomia como uma violência e 26,7% não concordam. O índice alarmante de 32,7% de mulheres desconhecem a manobra de Kristeller como um tipo de violência obstétrica e 11,9% não concordaram.



Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.

Exceto as questões 2,4, 7, 8, 11, 14, 15, 16 e 17, todos os outros tiveram um índice alarmante de mulheres que não concordam que tal feito é considerado violência obstétrica, ou já ouviram falar sobre o assunto.



Fonte: as autoras.



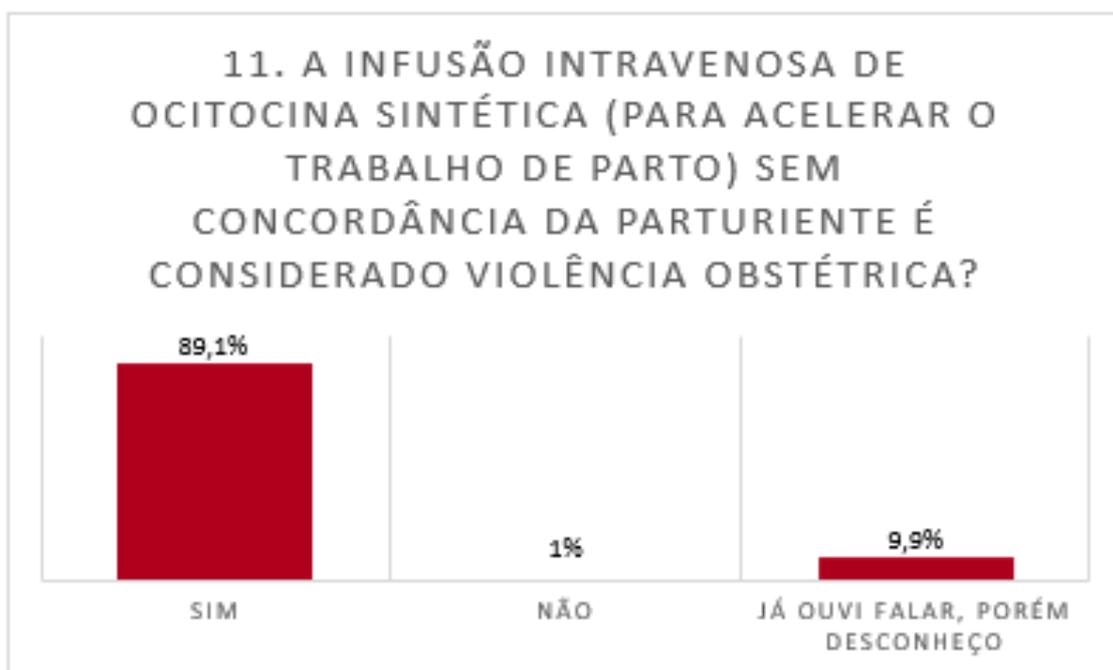
Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.



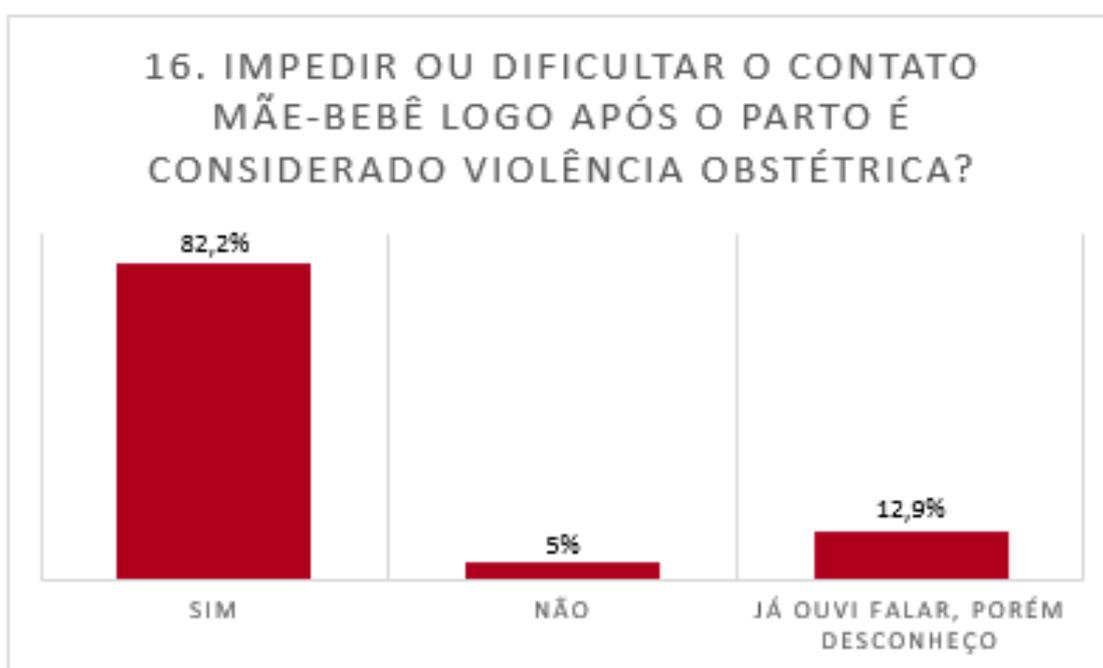
Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.



Fonte: as autoras.

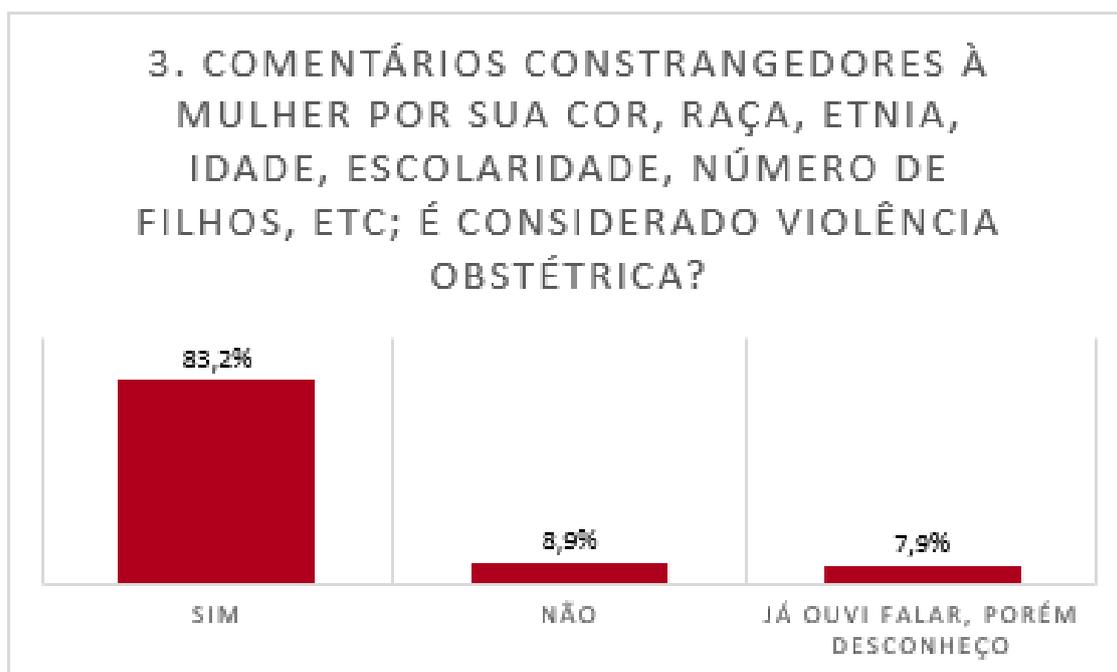


Fonte: as autoras.



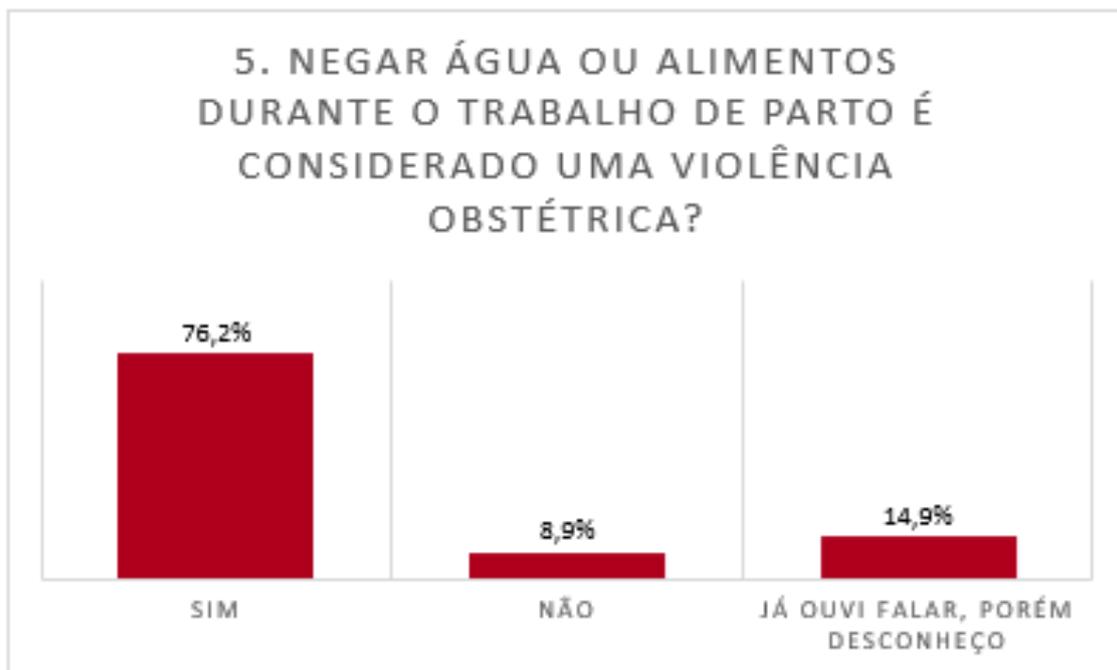
Fonte: as autoras.

Na questão 3, destina-se às agressões verbais que a parturiente sofre durante o procedimento, 8,9% das mulheres não concordaram ser um tipo de violência obstétrica e 7,9% já ouviram falar.



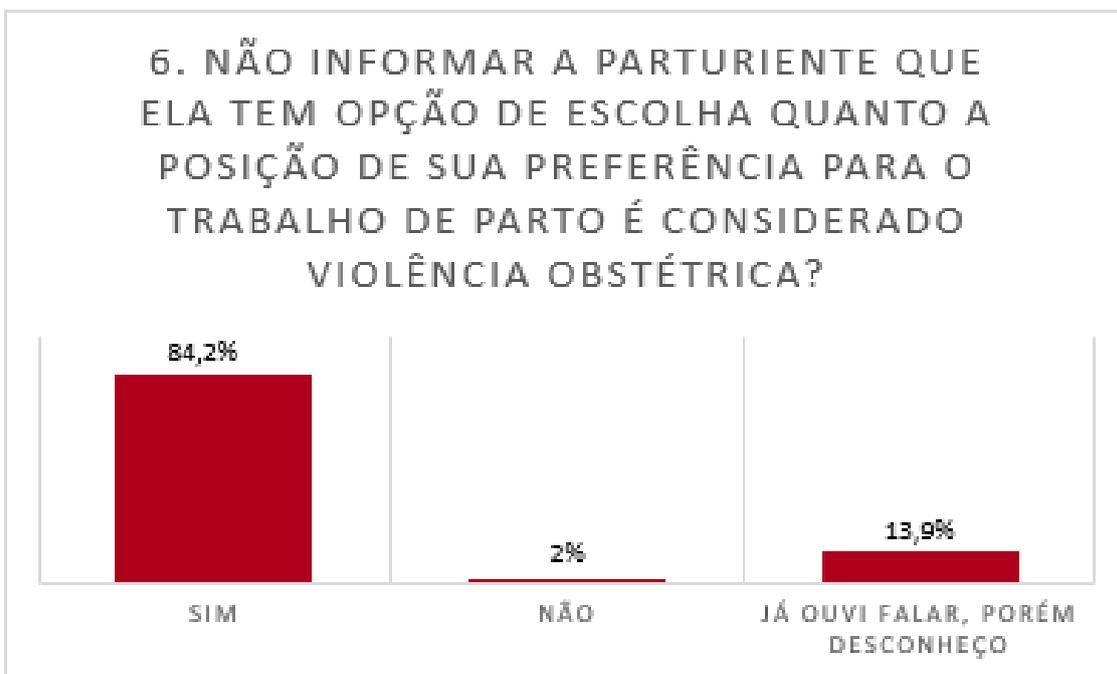
Fonte: as autoras.

Na questão 5, onde trata-se de negar água ou alimentos durante o trabalho de parto, 14,9% das participantes já ouviram falar e 8,9% não concordam ser um tipo de violência.



Fonte: as autoras.

Na questão 6, refere-se a falta de informação dada à parturiente sobre uma preferência de posição durante o trabalho de parto, cerca de 13,9% das mulheres desconhecem e 2% não concordam.



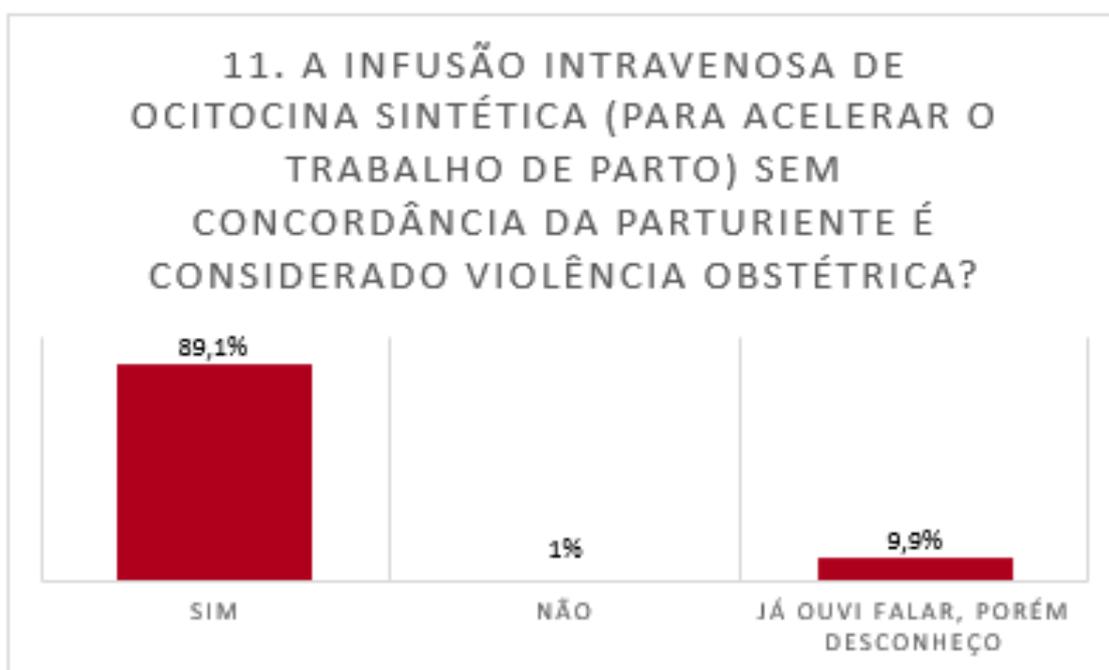
Fonte: as autoras.

Na questão 8, destina-se a entrada de acompanhante na sala de parto, 3% não concordam ser violência e 12,9% desconhecem.



Fonte: as autoras.

Na questão 11, mostra que 9,9% desconhecem a técnica de infusão intravenosa de ocitocina sintética e que 1% não concorda.



Fonte: as autoras.

A questão 14, trata-se de a realização de episiotomia (corte vaginal) sem o consentimento da parturiente, sem anestesia ou indicação clínica, 5,9% desconhecem e 1% não concorda.



Fonte: as autoras.

A respeito da questão 15, sobre investigar, julgar ou negar atendimento à gestante, cerca de 4% marcaram desconhecimento e 1% não concordam.



Fonte: as autoras.

A questão 16, sobre impedir ou dificultar o contato mãe-bebê após o parto, 12,9% colocaram que desconhecem e 5% não concordaram como ser um tipo de violência.



Fonte: as autoras.

E por fim, na questão 17, onde trata-se de impedir ou dificultar o aleitamento materno na primeira hora de vida do recém-nascido, 14,9% desconhecem e 3% não concordam.



Fonte: as autoras.

Após uma análise dos dados emitidos através do questionário percebemos que assuntos, como: lavagem intestinal, restringir a locomoção, tricotomia e manobra de Kristeller estão entre os assuntos dos quais tiveram uma maior evidência sobre o pouco ou nulo conhecimento de mulheres que possuem um nível socioeconômico mediano, e um nível de escolaridade superior.

5 DISCUSSÃO

A violência obstétrica é caracterizada principalmente pela negligência médica e hospitalar quanto aos direitos básicos da gestante e de seu bebê, levando a uma série de fatores desrespeitosos e violentos, sendo ela psicológica ou física. A ação de equipes médicas acarreta uma experiência traumática para a vida da parturiente. não somente na hora do parto, mas também no pré-natal ocasionando sentimentos de medo, ansiedade e pensamentos negativos (de Souza et al (2018).

No século XIX o parto era algo que muitos viam como um processo natural e feminino, com a chegada da tecnologia o parto normal começou a ser visto no século XX, por principalmente médicos de gênero masculino como práticas de risco, introduzindo a grávida somente como uma "colaboradora" do processo. O surgimento da violência obstétrica ocorre com a necessidade da agilidade e falta de paciência em assistir a um trabalho de parto (Russo et al.,2019).

Este trabalho foi fundamentado na Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal citados pelo MS (2016) e aplicados nas mulheres que ainda não tiveram a experiência do parto, de diferentes classes sociais e que residem no Distrito Federal e/ou no entorno.

Em relação às questões socioeconômicas, a incidência maior foi a de mulheres brancas de classe média, solteiras, com ensino superior incompleto, que possuem casa própria e residem com os pais. Mulheres com baixa escolaridade e pobres, apresentam maior predisposição para sofrer a violência obstétrica, enquanto mulheres com um conhecimento maior sofrem menos por questionar atitudes e procedimentos, o que gera a desistência e o repensar da equipe médica. (Andrade, 2016).

Compreendemos que, a violência obstétrica atinge as mulheres de forma diferenciada, quanto às questões de raça, cor, classe social e o estado civil, somam-se as justificativas das ações realizadas pela equipe médica. O local do parto também se diferencia perante o tratamento com a mulher, como por exemplo, os hospitais privados possuem um alto índice de cesáreas desnecessárias enquanto os hospitais públicos maltratam as

parturientes de diversas maneiras e em uma questão geral no termo violência. (De Lima, 2018).

Quanto aos resultados, observamos que as manobras de enema e a manobra de Kristeller são as mais desconhecidas pelas mulheres, o que de acordo com a Diretriz Nacional de Assistência ao parto normal (2016) determina que não sejam realizados de forma rotineira durante os trabalhos de parto, entretanto, em relação ao enema, os hospitais alegam que o uso do mesmo traz benefícios para o parto e conseqüentemente a diminuição de infecções materna e/ou neonatal.

Tal afirmação não possui estudos científicos comprovados quanto ao bem estar da parturiente e do neonato. De acordo com o MS (2016), essa ação só traz malefícios psicológicos e físicos para a mãe, como desconforto e constrangimento, e a contaminação do períneo através das fezes líquidas. A adição de um custo pelos equipamentos utilizados para cada trabalho de parto também é apresentada.

A manobra de Kristeller consiste na compressão do fundo uterino durante o segundo período do trabalho de parto visando a saída precoce do bebê (FioCruz, 2018). Por mais que tenha sido banida pelo Ministério da Saúde (MS) e pela Organização Mundial da saúde (OMS) ainda permanece enraizada como um dos procedimentos corriqueiros entre a parturiente e a equipe médica, e por mais que todos os anos diversas mulheres ingressam dentro da área de obstetrícia e/ou ginecologia, esses hábitos costumam se tornar comuns e que as mesmas são as que mais praticam, o que gera uma certa preocupação a saúde e o bem estar físico e mental da relação mãe-bebê (NUNES, 2021).

Outras questões foram observadas como, a locomoção da parturiente e a proibição da ingestão de comida e/ou bebidas. O impedimento de alimentos ou líquidos durante o trabalho de parto se dá através do medo da aspiração do conteúdo estomacal, caso necessite da anestesia geral (Borges, 2017). Muitas mulheres colocaram desconhecer esse procedimento, entretanto estudos comprovam a eficácia e um melhor trabalho de parto em mulheres que se alimentam, ingerem líquidos e se locomovem sem insegurança (Bomfim, 2021).

O uso da tricotomia (raspagem dos pelos pubianos) é raramente discutido e poucas pessoas sabem que é um tipo de violência obstétrica baseada em crenças e valores, baseados em tradições e em pensamentos considerados culturalmente ultrapassados,

relatando uma impossibilidade de infecção. Não tendo nenhuma evidência de benefício para a parturiente (Tesser CD, Knobel R, Andrezzo HFA, Diniz SG, 2021).

Quanto à amamentação, percebemos que há mulheres que não conhecem o seu direito de amamentar nas primeiras horas após o nascimento do bebê. Entretanto, o Ministério da Saúde não concorda com esses posicionamentos e de acordo com a Portaria 371/2014, toda parturiente possui a sua independência, e é assegurado o contato da mãe e do bebê após o parto, principalmente o aleitamento materno nas primeiras horas (MS, 2014).

O ministério da saúde busca assegurar como direito da mulher um atendimento justo e humanizado desde o início da gestação até o nascimento da criança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos examinados, percebemos a grande dificuldade no conhecimento das mulheres acerca de diferenciar o que é ou não a violência obstétrica. Observamos que independente da classe social, cor, raça e/ ou estado civil, diversas mulheres desconhecem procedimentos utilizados durante o trabalho de parto.

Por esta razão, o parto humanizado virou um sonho distante para mulheres de classe baixa que necessitam do acesso a hospitais públicos, se deparam com tamanha violência e animosidade da equipe responsável no dia.

Em nossa análise, notamos a ausência de informações independente da classe socioeconômica das participantes, mesmo vivendo em uma geração que possui um fácil acesso a informações através de meios sociais. Entretanto, tendo em vista que, esse assunto possui pouca visibilidade na mídia e poucas denúncias das vítimas, não passou despercebido um alto índice de respostas inadequadas quanto aos temas: enema, manobra de Kristeller, tricotomia, proibição de alimentos sólidos e líquidos durante o trabalho de parto, impedimento da locomoção e o impedimento do aleitamento materno na primeira hora de vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J.M; D'OLIVEIRA, A.F.L; SCHRAIBER, L.B. Violência institucional, autoridade médica e poder nas maternidades sob a ótica dos profissionais de saúde. Janeiro de 2013; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074912> Acesso em: 14 de abril de 2020.

AGUIAR, J. M.; D'OLIVEIRA, A.F.L. Institutional violence in public maternity hospitals the women's view. 2010; Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/2010nahead/aop4010> acesso em: 10 de abril de 2020.

BORGES, M.O; ROCHA, W.P. CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA; 2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11452/1/21317523.pdf> Acesso em: 04 de maio de 2020.

CARVALHO, I.C.B.M; ROSENDO, T.M.S.S; FREITAS, M.R; SILVA, E.M.M; MEDEIROS, W.R; MOUTINHO, N.F.; PIMENTA, I.D.S.F; GAMA, Z.A.S. Adaptação e validação da lista de verificação do parto seguro da Organização Mundial da Saúde para o contexto brasileiro. Junho de 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151938292018000200401&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 11 de abril de 2020.

CASTRO A; Witnessing Obstetric Violence during Fieldwork: Notes from Latin America; Junho de 2019; Disponível em: <https://wwwncbinlm.nih.gov.ez155.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC6586976/> Acesso em: 10 de abril de 2020.

CHADWICK, R.J. Obstetric violence in South Africa. Maio de 2016;

Disponível em:

http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S025695742016000500002 Acesso em: 05 de maio de 2020

http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S025695742016000500002 Acesso em: 05 de maio de 2020.

COUTINHO, E.M; SILVA, C.B; CHAVES, C.M.B; NELAS, P.A.B; PARREIRA, V.B.C; AMARAL, M.O; DUARTE, J.C. Gravidez e parto: O que muda no estilo de vida das mulheres que se tornam mães? Julho de 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe-2-00017.pdf Acesso em: 07 de maio de 2020. DINIZ, S, RATTNER, D, D'OLIVEIRA A, et al. Disrespect and abuse in childbirth in Brazil: social activism, public policies and providers' training. *Reprod Health Matters*. Agosto de 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30106349> Acesso em: 06 de maio de 2020.

DINIZ, S.G, SALGADO, H.O, ANDREZZO, H.F.A, CARVALHO, P.G.C, CARVALHO, P.C.A, AGUIAR C.A, et al. Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 2015; Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822015000300019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 05 de maio de 2020.

FLORES, Y.Y.R; LEDEZMA, A.G.M; IBARRA, L.E.H; ACEVEDO, C.E.G; Social construction of obstetric violence of Tenek and Nahuatl women in Mexico. Agosto de 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342019000100464&lng=en&nrm=iso&tlng=en Acesso em: 10 de abril de 2020.

GUIMARÃES, L.B.E; JONAS, E; AMARAL, L.R.O.G. Violência obstétrica em maternidades públicas do estado do Tocantins. Janeiro, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n143278>
Acesso em: 11 de abril de 2020.

JARDIM, D.M.B; MODENA, C.M. A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características. Agosto de 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v26/pt_0104-1169-rlae-26-e3069.pdf
Acesso em: 06 de maio de 2020.

LEAL, M.C; PEREIRA, A.P.E, DOMINGUES, R.M.S.M, THEME FILHA, M.M, DIAS M.A.B; NAKAMURA-PEREIRA, M; BASTOS, M.H, GAMA, S.G.N. Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em um mulheres brasileiras de risco habitual. Cad Saude Publica 2014; Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300005
Acesso em: 02 de maio de 2020.

LANCET; WHO. Appropriate technology for birth. Agosto de 1985; disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(85\)92750-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(85)92750-3) Acesso em: 5 de maio de 2020.

LANSKY, S; SOUZA, K.V; PEIXOTO, E.R.M; OLIVEIRA, B.J; DINIZ, C.S.G; VIEIRA, N.F; CUNHA, R.O; FRICHE, A.U.L. Violência obstétrica: influencia da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232019000802811&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 10 de abril de 2020.

MARRERO, L; BRÜGGEMANN, O.M. Violência institucional durante o processo parturitivo no Brasil: revisão integrativa. Maio de 2017;

Disponível em:

https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1152.pdf

Acesso em: 08 de abril de 2020.

MILTENBURG, A.S; VAN PELT, S; MEGUID, T; SUNDBY, J. Disrespect and abuse in maternity care: individual consequences of structural violence. Agosto, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/09688080.2018.1502023> Acesso em: 10 de abril de 2020.

NERI, M.A; GARCIA, M.H.O. Posicionamento oficial do Ministério da

Saúde sobre o termo “violência obstétrica”. Maio de 2019.

Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/es/component/k2/item/797-posicionamento-oficialdoministerio-da-saude-sobre-o-termo-violencia-obstetrica> acesso em: 14 de abril de 2020.

OLIVEIRA, A.S.S. Percepção de mulheres sobre a vivência do trabalho de parto.

Rene, 2010; Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/rene/article/download/4079/3188> Acesso em: 29 de abril de 2020.

OLIVEIRA, AMA. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS E INSTITUIÇÕES DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. 2019;

Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/10358/1/VIOLENCIAOBSTETRICA_OLIVEIRA_2019.pdf Acesso em: 08 de abril de 2020.

OLIVEIRA, V.J; PENNA, C.M.M. DISCUSSING OBSTETRIC VIOLENCE THROUGH THE VOICES OF WOMEN AND HEALTH PROFESSIONALS. Julho de 2017. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072017000200331#aff2 Acesso em: 07 de maio de 2020.

PERERA, D; LUND, R; SWAHNBERG, K; SCHEI, B; INFANTI, B. When helpers hurt: women's and midwives' stories of obstetric violence in state health institutions, Colombo district, Sri Lanka. Junho, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29879946> Acesso em: 11 de abril de 2020

PINHEIRO, B.C; BITTAR, C.M.L. Percepções, expectativas e conhecimentos sobre o parto normal: relatos de experiência de parturientes e dos profissionais de saúde. Abril de 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n37/n37a15.pdf> Acesso: 14 de abril de 2020.

POZZIO, M.R. La gineco-obstetricia en México: entre el "parto humanizado" y la violencia obstetrica. Janeiro/abril de 2016; Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000100101 Acesso em: 08 de abril de 2020.

QUATTROCCHI, P. Violenza ostetrica. Le potenzialità politico-formativa di un concetto innovativo. Julho de 2018. Disponível em: <http://riviste-clueb.it/riviste/index.php/etnoantropologia/article/view/307/490#ftn.d5e30> Acesso em: 07 de maio de 2020. 26) RODRIGUES, F.A.C. Violência obstétrica no processo de parturição em maternidades vinculadas à Rede Cegonha. Revista Reprod Clim. 7f. mar. 2017. Disponível em: repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23360/1/2017_art_facrodrigues.pdf Acesso em: 29 de abril de 2020.

SADLER, M; SANTOS, M; RUIZ-BERDÚN, D; ROJAS, G.L; SKOKO, E;

GILLEN, P; CLAUSEN, J.A; Moving beyond disrespect and abuse: addressing the structural dimensions of obstetric violence. Junho, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.ez155.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1016/j.rhm.2016.04.002>needAccess=true Acesso em: 04 de maio de 2020.

SANDIM, N.F.C. NÍVEL DO CONHECIMENTO DAS MULHERES ACERCA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA. 2017; Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11454/1/21317554.p> Acesso em: 10 de abril de 2020.

SENA, L.G; TESSER, C.D; Obstetric violence in Brazil and cyberactivism of mothers: report of two experiences. Março de 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0896> Acesso em: 04 de maio de 2020.

SEN, G; REDDY, B; IYER, A; Beyond measurement: the drivers of disrespect and abuse in obstetric care. Setembro, 2018; Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09688080.2018.1508173> Acesso em: 10 de abril de 2020.

SENS, M.M; STAMM, A.M.N.F. A percepção dos médicos sobre as dimensões da violência obstétrica e/ou institucional. Agosto de 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832019000100277&script=sci_arttext Acesso em: 10 abril de 2020.

SOUSA, M.S.P; As parteiras e os Médicos: A inserção do gênero masculina numa realidade feminina (século XIX e início do século XX). Julho

de 2005; Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7654/1/arquivo7014_1.pdf acesso em: 26 de abril de 2020

VIEIRA, D.M; APOLINÁRIO, J.A. A violência obstétrica na compreensão de mulheres usuárias da rede pública de saúde do município de Lins-SP. 2017; Disponível em: <http://www.unisaesiano.edu.br/biblioteca/monografias/61050.pdf> . Acesso em: 8 de abril de 2020

VENTURI, G; GODINHO, T. Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, SESC-SP; 2013; Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22393/11910> Acesso em: 02 de maio de 2020

ZANARDO, G.L.P; URIBE, M.C; NADAL, A.H.R; HABIGZANG, L.F. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA. Julho de 2017; Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102718220170001 em: 07 de maio de 2020.

Nogueira, N. V. O reconhecimento da violência obstétrica no Brasil e sua repercussão sociolegislativa por intermédio do movimento feminista. In SURgência: revista de direitos e movimentos sociais, 7(2), 261-286.

DE LIMA, T. M. M., DE SOUZA, L. G., DE OLIVEIRA, P. M., & BEZERRA, B. S. (2018). "PORQUE SOMOS MULHERES, POBRES E NEGRAS": UM BALANÇO SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO OFICINAS SOBRE DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS: "MEU CORPO, MINHAS REGRAS" EM RECIFE-PE. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16(1) da Silva Bomfim, V. V. B., Silva, T. A., Souza, B. T. T., Santos, A. M. N., Macedo, M. C. T. C., Arruda, M. D. I. S., ... & Campos, N. A. S. (2021). Violência obstétrica no período de parto ativo. *Research, Society and Development*, 10(8), e21110817123-e21110817123.

Nunes, R. L. N., Alves, T. O., Salviano, A. M., de Sá Silva, D. I., Lopes, M. F. P., de Almeida, S. S., ... & dos Santos, F. M. (2021). Violência obstétrica no parto normal: revisão integrativa. *Brazilian Journal of Development*, 7(8), 76812-76823.



APÊNDICES

Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE

A Senhora está sendo convidada a participar do projeto de estudo sobre o nível de conhecimento de mulheres nulíparas de diferentes classes sociais do Distrito Federal.

O objetivo é: descrever o nível de conhecimento das mulheres nulíparas de diferentes classes sociais do Distrito Federal, a respeito da violência obstétrica.

A senhora receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-la.

A sua participação será através de um questionário com dezessete perguntas de múltipla escolha, com as opções de “() SIM, () NÃO, () JÁ OUVI FALAR, PORÉM DESCONHEÇO”, que será disponibilizado para a senhora após o consentimento deste documento. Informamos que a Senhora pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para a senhora. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, podendo ser publicados posteriormente.

Se a Senhora tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Anna Beatriz Fonseca de Moraes ou Larissa Kelly dos Santos Carvalho, na instituição de ensino Centro Universitário de Brasília- UniCEUB. (61) 98324-0329 /

(61) 98525-3780, no horário comercial.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidas através do telefone: (61) 3966-1511 ou do email: cep.uniceub@uniceub.br. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome/Assinatura do participante

Nome/Assinatura da pesquisadora

Brasilia, ___ de _____ de _____

ANEXOS I – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Questionário de conhecimento sobre violência obstétrica

1. Você sabe o que significa violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
2. Negar atendimento à mulher ou impor dificuldades durante o pré-natal é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
3. Comentários constrangedores à mulher por sua cor, raça, etnia, idade, escolaridade, número de filhos, etc; é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
4. Violência verbal (alteração da voz, ameaças, xingamentos e humilhações) é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
5. Negar água ou alimentos durante o trabalho de parto é considerado uma violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
6. Não informar a parturiente que ela tem opção de escolha quanto a posição de sua preferência para o trabalho de parto é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
7. Agendar ou induzir a parturiente à cesárea sem recomendação clínica é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
8. Impedir a entrada do acompanhante escolhido pela parturiente é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
9. O uso rotineiro de enema (lavagem intestinal) é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
10. Restringir a locomoção da parturiente durante o trabalho de parto é considerado violência obstétrica?		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()
11. A infusão intravenosa de ocitocina sintética (para acelerar o trabalho de parto) sem concordância		
Sim ()	Não ()	Já ouvi falar, porém, desconheço ()

ANEXO II – Cartilha “Violência obstétrica. Saiba como é e como evitar.”

**VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA**
CURITIBA E REGIÃO
METROPOLITANA

Uma em cada quatro
mulheres no Brasil sofre
violência **antes, durante**
ou **depois** do parto.

Ela acontece
de forma verbal,
física, psicológica
e/ou sexual. **1**

SAIBA O QUE É E COMO EVITAR

*“Para mudar o mundo,
primeiro é preciso mudar
a forma de nascer”*

Michel Odent.

O QUE É VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA?

É qualquer tipo de violência contra a mulher durante o processo de gestação, com ou sem seu consentimento, de natureza física, psicológica ou institucional.

Ter o atendimento **negado** ou **dificultado** no hospital.

Impedir que a gestante seja acompanhada durante o processo de parto.

Aplicação desnecessária de **ocitocina** para acelerar o trabalho de parto.

Ser privada do contato com o bebê na primeira hora de vida.

Não poder tomar água ou comer durante o trabalho de parto.

Sofrer exames de toque desnecessários e por vários profissionais.

Não receber medicamentos para aliviar a dor **quando solicitar**.

Ser obrigada à administração de medicamentos para aliviar a dor.

Exigir lavagem intestinal.

Receber procedimentos **sem ser consultada**.

Ser deixada **sozinha, isolada ou trancada**.

Ter alguma parte do corpo **amarrada**.

Ser **obrigada** a parir deitada.

Ter liberdade de movimentação **restringida** durante o parto.

Ser **afastada do filho** depois do nascimento.

Ser **induzida** a fazer cesárea sem necessidade.

Fazer parto **fórceps** sem necessidade.

Sofrer **episiotomia** sem necessidade ou sem consentimento.

Ser **xingada** ou ser alvo de **piadas** durante o parto.

Ser submetida à manobra de **Kristeller**.

Algumas dessas situações só devem ser consideradas em caso de complicações para a saúde da mãe e do bebê.

2

Ref. a

EPISIOTOMIA

É um corte feito na vulva e na vagina para **forçar a saída do bebê**.

Geralmente é feito **sem o esclarecimento nem o consentimento** da gestante, e muitas vezes sem anestesia.

PRÁTICAS COMUNS E VIOLENTAS

MANOBRA DE KRISTELLER

É uma técnica para **pressionar a parte superior do útero e forçar a saída do bebê**.

Um procedimento que pode causar **danos graves** à mãe e à criança.

3

Ref. e

FRASES RELATADAS DURANTE SERVIÇOS DE PARTO

"NA HORA DE FAZER
TAVA BOM, NÊ?"

"VOCÊ NÃO SABE
DE NADA, QUEM SABE
É O MÉDICO!"

"GOSTOU DE FAZER?
PARA ENTRAR NÃO DOEUI!"

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA. NÃO TOLERE, NÃO SE CALE!

A maioria das violências durante a gestação acontece de **forma verbal**. Muito comum e séria, ela pode trazer **consequências graves** para a mãe e o bebê.

QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA?

Um **procedimento desrespeitoso** nesse momento tão delicado faz com que muitas mulheres tenham sequelas semelhantes às **vítimas de estupro**.

Rejeição ao próprio corpo.

Medo de relações sexuais.

Complicações de saúde.

Ansiedade e medo
de outra gestação.

Depressão pós-parto.



COMO EVITAR A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA?

- 1 Pesquise e apresente um modelo de **plano de parto** no dia do parto.
- 2 Esteja ciente dos seus **direitos**, assim como seus acompanhantes.
- 3 Faça **curso de gestante** e incentive o pai ou acompanhante a fazer.
- 4 Participe de **rodas de conversa** sobre **parto humanizado**.
- 5 Engaje-se em **Grupos de Apoio** de sua cidade.
- 6 Conheça o trabalho das **doulas**.
- 7 Confira as leis Federais:
O **direito ao acompanhante** (n.º 11.108/2005)
Violência contra a mulher - Lei Maria da Penha (n.º 11.340/2006, art.5.º e 7.º)
Direito ao conhecimento e a vinculação à maternidade (n.º 11.634/2007)
O **hospital deve manter visível o direito ao acompanhante** (n.º 12.895/2013)
Confira as leis Estaduais:
O **direito ao acompanhante** (n.º 17.857/2013)
A **informação e proteção à gestante** (n.º 19.701/2018)
Confira as leis Municipais (Curitiba):
Lei Municipal sobre a presença de Doulas antes, durante e depois do parto (n.º 14.824/2016)

6

COMO PROCEDER EM CASO DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA?

Essas atitudes podem gerar responsabilização administrativa e penal para o hospital, o médico e até para o plano de saúde.

- 1 Reúna **toda a documentação** possível, principalmente o prontuário da mãe e do bebê. **O prontuário é direito da mulher.**
- 2 **Escreva um relato** do que aconteceu, detalhando a violência sofrida e como se sentiu.
- 3 **Faça cópia do seu relato e dos documentos, faça um protocolo** e envie à Ouvidoria do Hospital, à Ouvidoria do SUS, à Secretaria Municipal de Saúde e ao Ministério da Saúde.
- 4 **Ligue para 180 e denuncie**, pois a violência obstétrica é violência contra a mulher.
- 5 É possível entrar com uma **representação administrativa junto ao CRM** contra o médico e equipe.
- 6 Também é possível **denunciar o hospital junto ao Ministério Público**, pedindo **averiguação da instituição**.
- 7 **Busque auxílio de um advogado** a fim de ter seus direitos respeitados. Você também pode procurar a **defensoria pública**.

Ref. a 7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7

7



REGIÃO METROPOLITANA

Hospital e Maternidade Alto Maracanã (41) 3675-5500
 Santa Casa de Misericórdia (41) 3055-3333
 Hospital e Maternidade Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (41) 3150-6959
 Hospital Pinhais (41) 3661-1600
 Pronto Socorro e Maternidade do Hospital São José dos Pinhais (41) 3283-5222
 Hospital do Rodo (41) 3136-2515
 Hospital Angelina Caron (41) 3679-8100
 Maternidade Municipal Humberto Carraro (41) 3547-5045
 Hospital Municipal de Araucária (41) 3614-3000

CURITIBA

Hospital do Trabalhador (41) 3212-5700
 Hospital de Clínicas (41) 3390-1809
 Hospital e Maternidade Nossa Senhora das Graças (41) 3240-6642
 Hospital e Maternidade Santa Brígida (41) 3017-2100
 Hospital e Maternidade Santa Cruz (41) 3312-3000
 Hospital e Maternidade Victor Ferreira do Amaral (41) 3312-5000
 Mater Dei (41) 3683-4300
 Hospital Evangélico de Curitiba (41) 3240-5000
 Maternidade Bairro Novo (41) 3289-2424
 Maternidade Curitiba (41) 3330-8181
 Maternidade Nossa Sr. do Fátima (41) 2104-0300
 Programa Mãe Curitiba (41) 3330-4452
<http://www.saude.curitiba.pr.gov.br/index.php/programa/mae-curitiba>

ENTIDADES

ADUCC - Associação de Doulas de Curitiba e Região Metropolitana contataadouc@gmail.com
 Federação Nacional de Doulas - FenaDoulas BR fenedoulasbr@gmail.com
 Aberto - Associação Brasileira de Obstetritzes e Enfermeiros Obstetras <http://aberto.wxsite.com/meu-site>

MASER EM FOCO

Coletivo de fotógrafas www.nasceremfoco.com.br

Central de atendimento à mulher - 180
 Disque Saúde - 136
 Defensoria Pública do Paraná - (41) 3219-7300
 Ministério da Saúde - <http://portalms.saude.gov.br/>
 Coren - Conselho Regional de Enfermagem - (41) 3301-8500
 Conselho Estadual de Direitos da Mulher - (41) 3210-2416
 Conselho Estadual de Saúde - Comissão de Saúde da Mulher (41) 3330-4534/4452
 CRM - PR - Conselho Regional de Medicina - (41) 3340-4000

UMA VIDA NÃO PODE COMEÇAR COM VIOLÊNCIA, DENUNCIE!

REFERÊNCIAS

- Ministério Público de Pernambuco. Humanização do parto. Nasce o respeito: informações práticas sobre a sua decisão. Assessoria Ministerial de Comunicação (Org.). Oliveira, M. S. de M. (Coord.). Anísia Corrêdo Rêgo Costa, A. C. R. & Oliveira, M. de [Ed.]. Comitê Estadual de Estudos de Mortalidade Materna de Pernambuco (Rev.Fic). Recife : Procuradoria Geral de Justiça, 2015. Disponível em: <https://www.mppe.mp.br/mpppe/attachments/article/4240/cartilha%20humanizacao%20do%20parto%20.pdf.pdf>
- Mianiz, B. M. de V. & Barbosa, R. M. Problematizando o atendimento ao parto: cuidado ou violência. Memórias Convencion Internacional de Salud Pública. Cuba Salud 2012. La Habana 3/7 de diciembre de 2012. Disponível em: <http://www.conveconsalud2012.sld.cu/index.php/conveconsalud/2012/paper/view/744>
- Dayze Carvalho Santiago, D. C.; Souza, W. K. S.; Nascimento, R. F. de. Violência Obstétrica: uma análise das consequências. Revista Científica da FASETE, v.2, 2017. Disponível em: https://www.fasete.edu.br/revistas/midia/revistas/2017/13/violencia_obstetrica_uma_analise_das_consequencias.pdf
- Miranda Z. J. Violência Obstétrica: Uma contribuição para o debate acerca do empoderamento feminino. XII Semana da Mulher. UNESP- Marília - SP, 2015. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/violencia-obstetrica_julia_na-mianda.pdf
- Lansky, S. et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, rev., 2018. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/violencia-obstetrica-influencia-da-exposicao-sentidos-do-nascer-na-vivencia-das-gestantes/76640>
- Pesquisa Nascer no Brasil. Escola Nacional de Saúde Pública - Fiocruz Disponível em: <http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/publicacoes/>

Produção

Conteúdo
 Leonardo Ferron Baggio
 Luza Basso

Revisão
 Carlos Barbosa
 Carlos Kaspiak
 Isabela Perotti
 Rodrigo Ponce

Design Gráfico
 Caroline Lemes

Consultoria
 GT - Porto Humanizado

Mandato Goura

Deputado Estadual
 Goura

Chefe de Gabinete
 Ivo Fleck

Assessoria Legislativa
 Caif Alonzo
 Carlos Barbosa
 Daniela Ferraz
 Daniele Barleta
 Flavia Soto Maier
 Gerson Lobo
 Rodrigo Ponce
 Thiago Guimarães

Assessoria de Projetos
 Denise Toledo
 Isabela Perotti
 Luza Basso
 Leonardo Rocha
 Inacema Bernardes

Assessoria de Comunicação
 Carlos Kaspiak
 Cajoline Lemes
 Leonardo Ferron Baggio
 Orúze Basileiro
 Rafael Bertelli

Assessoria de Meio Ambiente
 Debora Albuquerque
 Lindamir Colantonio
 Lidia Granicka

MANDATO GOURA

DEPUTADO ESTADUAL

-  /goura
-  /goura_nataraj
-  /mandatogoura
-  /mandatogoura
-  /mandatogoura.com.br
-  mandatogoura@gmail.com

Assembleia • Praça Nossa Senhora
Legislativa • de Salete s/n - Gabinete 602
do Paraná • Centro Cívico - Curitiba - PR

MANDATO
GOURA
DEPUTADO ESTADUAL

